



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O ENSINO DE CIÊNCIAS DIANTE DAS OBSERVAÇÕES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE AS AÇÕES EDUCATIVAS DESENVOLVIDAS

Autor (1); Larissa Martins da Silva

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Campus Macau;
larissa.ms.91@gmail.com*

INTRODUÇÃO

A observação pode ser considerada uma atividade que como afirma Mendes et. al (2012, p. 58) “acompanha o ser humano desde os primórdios da espécie”. É através dessa atividade que qualquer indivíduo, desde a sua infância, se espelha, aprende, questiona, copia e até mesmo cria novas alternativas para contrapor ou melhorar o que foi observado para garantir sua subsistência e evolução.

Levando essa perspectiva para a docência, os cursos de licenciatura para elevarem a formação dos licenciandos na construção da prática docente de forma consciente e reflexiva, apresentam em seus projetos pedagógicos a execução do *Estágio Supervisionado II* que se segue com a observação das relações mantidas em sala como na ação da docente, logo, permite a reflexão sobre a realidade observada (LOPES e LUCENA, 2007, p 12).

Diante disso, as primeiras observações ocorrem no ensino fundamental e diante do curso de formação ser pautado em uma licenciatura de Biologia, durante essa etapa de ensino da educação básica ela vai ser ocorrente durante as aulas voltadas para o ensino de Ciências. Desta maneira, esse construto investigativo tem como objetivo relatar as observações realizadas durante o estágio supervisionado II no ensino de Ciências, para assim estabelecer uma discussão sobre as ações educativas desenvolvidas, tendo como base o ensino-aprendizagem dessa disciplina para/com os alunos.

A justificativa desse estudo e na divulgação dos seus resultados para a comunidade acadêmica (ou não) reside no fato de que esse processo de observar aulas e tecer uma reflexão sobre elas, viabiliza como aponta Nodari e Almeida (2012, p. 26) “o desenvolvimento didático-



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

pedagógico e o amadurecimento do pensamento crítico-reflexivo” e que, portanto, oferece aos acadêmicos momentos de reflexões que certamente serão determinantes na construção de seu comportamento como futuro professor no ensino de Ciências.

METODOLOGIA

As observações ocorreram entre os dias 30/04/2014 a 04/06/2014 na sala do 7º (sétimo) ano “A” de uma escola pública¹ da cidade de Macau/RN. Esta turma contava com um total de 18 alunos que possuem uma faixa etária de 13 anos. Contudo, esse estudo se trata de uma abordagem metodológica que se enquadra dentro dos parâmetros de estudo de caso, pois como afirma Araújo et. al. (2008, p.10) “são investigações de fenômenos ou situações à medida que ocorrem, sem nenhuma interferência significativa do investigador”.

Além disso, ainda de acordo com Araújo et. al. (2008, p. 11) “o objetivo é relatar os fatos como se sucederam, descrever situações ou fatos e proporcionar conhecimento acerca do fenômeno estudado”. Deste modo, as observações eram feitas de modo que não interferisse no caminhar da aula ministrada pela professora de Ciências da turma, assim todas as vivências observadas seguiram um total de dez aulas e todas elas eram anotadas tendo como objetivo servirem para as discussões aqui delineadas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em meio as primeiras observações, cada detalhe parece ser bastante instigador no sentido de verificar o domínio do conteúdo ministrado pela docente, bem como as estratégias usadas pela mesma para trabalhá-los em sala de aula. No tocante às conduções do conteúdo de Ciências na turma observada, as observações acompanharam o transcorrer da temática “reinos”. Dentro das ciências naturais (Biologia) esse conteúdo é bastante abrangente e possui muitas especificações, classificações, nomenclaturas de cunho científico e que, portanto, o professor de ensino fundamental deve procurar o melhor caminho para conduzi-lo em sala.

¹ Foi preservado o nome da referida escola.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Portanto, no decorrer da primeira aula observada a professora deu uma breve introdução que não chegou a ocupar o tempo estipulado e foi realizada na forma de exposição oral dos conteúdos. Essa é a estratégia mais amplamente utilizada para se manter o método tradicional de ensino por colocar o professor no centro do processo de ensino-aprendizagem sem promover uma discussão entre o que é repassado com os discentes (LIBÂNEO, 1985, p. 24).

Ao final desta aula, a docente passou para os alunos um trabalho em grupo e que tinha como objetivo de apresentar na aula seguinte um reino e para isso deveriam atender aspectos determinados pela professora como: organização do cartaz, respeito com os colegas quando estes estiverem apresentando, e a apresentação em si. No dia da exposição dos trabalhos, foi nítido a falta de posicionamento da professora em relação à sequência da apresentação. Neste sentido, os alunos ficaram fazendo bagunça e a mesma apenas deixou a critério deles quem iria apresentar primeiro. Contudo, passaram-se cerca de dez minutos quando um grupo resolveu começar a realização das atividades.

A condução das apresentações tinha as mesmas características, ou seja, o conteúdo era lido através de um papel e os alunos não expressavam suas opiniões do que estava sendo retratado, muitas vezes, demonstrando que não estavam entendendo nada. Também, se pode salientar a falta de uma leitura coerente e falta de informações significativas dos reinos representados e também a não explicação do que estava contido nos cartazes por eles feitos.

Posteriormente, com o fim desta atividade expositiva, a professora teceu sua visão para os alunos. A mesma enalteceu os cartazes que estavam mais organizados, porém não delineou nenhuma fala no tocante a não explicação do que eles possuíam o que é bastante preocupante, pois a mesma não incentivou a autonomia dos alunos ao expor o que haviam compreendido do trabalho.

Na aula subsequente, a docente resolveu apresentar todos os reinos novamente, porém o recurso por ela utilizado foi a escrita no quadro. Duas foram as justificativas para essa estratégia: a primeira devido a falta do livro didático para os alunos e, conseqüentemente, este seria um material de apoio para os estudos; a segunda devido as dificuldades relatadas pela professora de utilizar as mídias eletrônicas na aula.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Porém, essa estratégia é notoriamente falha diante as observações feitas por diversos fatores: primeiro, se perde muito tempo escrevendo no quadro todo o conteúdo e acaba por não sobrar muito tempo para as explicações; segundo, o conteúdo sobre os reinos, principalmente, o reino monera ao qual ela teceu mais explicações, possui uma abstração muito forte, assim como muitos assuntos dentro de Ciências e Biologia, o que dificulta ainda mais a sua compreensão se esta for relacionada apenas a textos escritos; e terceiro, é perceptível que os alunos não “curtem” muito esse tipo de aula e, muitos desistem de prestar atenção e escrever no caderno antes mesmo da professora terminar de copiar no quadro.

Logo, isso demonstra ou certa inocência da professora ao ministrar a aula ou a deficiência no sentido de planejamento, já que com o planejamento, poder ia-se prever ações e condições, racionalizar tempo e meios, ou seja, se a professora tivesse planejado sua aula, evidentemente, saberia que a quantidade do conteúdo escrito requer muito tempo e na tentativa de realizar algumas explicações do conteúdo, na aula seguinte a docente apenas leu rapidamente o que havia escrito e de maneira superficial trouxe alguma nova informação, porém em nenhum momento interage com os alunos, não os questionam e nem estimula os mesmos a participarem para a retirada de dúvidas, assim a prática pedagógica dessa docente esta embebida como Libâneo (1985, p. 22) acredita no contexto educacional de que o mais importante “é a predominância da palavra do professor [...]”.

Desta forma, a mesma deixa de lado qualquer ação de uma prática educativa emancipatória, não estabelecendo a aquisição dos novos objetivos do ensino de Ciências que buscam envolver os debates e discussões que exigem a postura de docentes abertos e dispostos a promover o diálogo com os alunos sobre o envolvimento das Ciências no mundo e o bem-estar do ser humano (SANTOS, 2006).

Além disso, na última aula observada, a docente passou uma atividade com apenas questões conceituais, ao qual exige do aluno apenas a habilidade de memorização. Com isso, a memorização pode consistir na aprendizagem por interesse, na qual se aprende para ser aprovado (MELO e ALVES, 2011). Isso significa dizer que com o passar da aplicação deste conceito o seu real significado é perdido, não é armazenado de forma significativa correlacionando como um importante conhecimento tanto para sua formação escolar como para a sua formação cidadã.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Contudo, essa falta de contextualização em quase todas as aulas que serviria para facilitar a compreensão e a aprendizagem dos discentes, está enquadrado ainda com os preceitos difundidos por Farias (2009), pois “no geral, os conteúdos escolares continuam dissociados do contexto social e da capacidade cognitiva dos alunos”. Assim, a docente deixa de instigar a curiosidade dos alunos por não colocar na aula aspectos interessantes dos diversos organismos apresentados como, por exemplo, as bactérias, os fungos, as algas, com o ser humano, consequentemente, deixam de correlacioná-lo com a nossa realidade e mostrar o sentido de estudar esse conteúdo.

CONCLUSÕES

Dentro dessa ótica de atividades didáticas desenvolvidas pela professora, com as observações realizadas permitiu enquadrá-la nos moldes que percorre por muitos anos a educação brasileira, a da educação tradicional. Isto porque, ficou evidente com as aulas administradas pela mesma, em que o conteúdo é apenas “transmitido” de forma puramente expositiva e não leva em considerações alternativas mais fáceis para a aprendizagem dos alunos nem relação com o seu cotidiano e muito menos com as realidades sociais.

Consequentemente, a ação educativa desenvolvida demonstra ser fraca no sentido do domínio de estratégias didáticas para a apresentação dos assuntos trabalhados, por conseguinte, isso pode ser reflexo de um domínio conteudista por parte da professora e ainda a não realização de uma prática pedagógica que faz toda a diferença no processo de ensino-aprendizagem que é o planejamento.

Nessa prerrogativa, fica nítido que o ensino de Ciências difundidos nesse contexto educacional deixa a desejar no tocante ao envolvimento da educação para a cidadania, ou seja, os discentes deixam de aprender com a disciplina a relação dos conteúdos estudados com a construção de uma visão crítica diante as inúmeras situações vivenciadas no dia a dia e, portanto, deixam de adquirir o sentido real de estudar determinado assunto como, no caso, os reinos para entender a grandiosidade da biodiversidade existente nos ecossistemas.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Assim, em uma última análise, todas as vivências observadas no ensino de Ciências a partir da turma do sétimo ano, acaba por nos levar a alguns questionamentos: será que nas outras turmas o ensino de Ciências é desencadeado desta mesma forma? E nas outras escolas? Qual a opinião desses e de outros alunos diante esse tipo de aulas no ensino de Ciências? Apesar disso, as observações realizadas no estágio serviram como um combustível na tomada de decisões para a regência, bem como para a construção das ações docentes coerentes com a realidade dos alunos, buscando assim atingir o objetivo da Educação Nacional de contribuir com a formação escolar e, necessariamente, a formação de cidadãos participativos e possuidores de espírito crítico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Cidália et. al. **Métodos de investigação em educação: estudo de caso.** Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2008. Disponível em: http://grupo4te.com.sapo.pt/estudo_caso.pdf Acessado em: 20 maio 2015.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública – A pedagogia crítico-social dos conteúdos.** São Paulo: Loyola, 1985. p. 19-44.

LOPES, Aldaci; LUCENA, Tatiane. **Estágio supervisionado i.** Salvador: Somesb, 2007. 80 p. Disponível em: <http://www.ead.ftc.br/portal/upload/cns/4p/03-EstagioSupervisionadoNormalSuperiorI.pdf>. Acesso em: 16 abr 2015.

MELO, Gislene dos Santos; ALVES, Laura de Araujo. **Dificuldades no processo de ensino-aprendizagem de biologia celular em iniciantes do curso de graduação em ciências biológicas.** 2011. Disponível em: http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Cursos/Ciencias_Biologicas/1o_2012/Biblioteca_TCC_Lic/2011/2o_2011/Gislene_Melo_e_Laura_Alves.pdf. Acesso em: 10 fev. 2014.

MENDES, Rui et al. Observação como instrumento no processo de avaliação em Educação Física. **Exedra Journal.** Lisboa, p. 57-70. abr. 2012. Disponível em: <http://www.exedrajournal.com/docs/N6/04-Edu.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2014.

NODARI, Janice Inês; ALMEIDA, Mariza Riva de. Refletindo sobre a agência docente através da observação de aulas. **Revista X,** Curitiba, v. 02, n. 01, p.24-46, 2012. Semestral. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/revistax/article/viewFile/29306/20372>. Acesso em: 25 mai 2015.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

SANTOS, Paulo Roberto dos. **O Ensino de Ciências e a ideia de cidadania**. 2006. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/ensino-de-ciencias-e-o-papel-do-estagio-na-formacao-de-profesores/72109/>. Acessado em: 22 maio 2015.